

ENTRE A BIOGRAFIA E A HISTÓRIA: O caso de Alceu Amoroso Lima

Marcelo Timotheo da Costa (PUC-Rio)¹

Estudos biográficos são dos mais tradicionais produtos da oficina do historiador, embora não seja privilégio deste realizá-los.

O presente texto discute o tema “Biografia e História”, partindo do relato de pesquisa sobre a vida e obra do intelectual cristão Alceu Amoroso Lima (1893-1983).²

Trata-se, pois, de um relato de caso. Experiência – por que não explicitar o paralelo, apesar das evidentes diferenças? – onde também se cruzam biografia pessoal e investigação histórica. Relato de caso que, creio, abordará pontos pertinentes à discussão já anunciada.

Antes de seguir, o esclarecimento: mais que reproduzir em detalhe a pesquisa empreendida – tarefa impossibilitada pela limitação espacial de comunicações como esta –, preferiu-se registrar alguns problemas que surgiram no decorrer do trabalho e assinalar o encaminhamento adotado. Enfim, desejo tão somente indicar o caminho percorrido, caminho com suas “pedras de tropeço” e os desvios e soluções que elas motivaram.

Em primeiro lugar, lembro da dimensão da empreitada, o volume de material a ser processado. Pesquisar a trajetória de Amoroso Lima apresenta-se como qualquer coisa de “monumental”. Os números de Alceu são reveladores: noventa anos de vida, sessenta e cinco de vida literária, cinquenta e cinco de militância católica.

Tão prolongadas existência e atuação produziram cerca de cem livros. A imprecisão é significativa, revela mais que esconde: o fato dos biógrafos de Amoroso Lima não terem chegado a um acordo quanto ao número exato de suas obras confirma a profusão dos escritos do autor.

Há os milhares de artigos publicados em vários jornais de grande circulação, como *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*, de 1919 até 1983. Recorde-se ainda o relevante conjunto de textos assinados por Alceu na revista *A Ordem*, periódico católico que dirigiu por quatro décadas (1928-68).

Isto sem levar em consideração as incontáveis – e o termo traduz bem o que está em jogo – cartas que Amoroso Lima escreveu. Apenas para sua filha Lia, religiosa beneditina enclausurada que adotou o nome de Maria Teresa ao abraçar o hábito monástico, Alceu redigiu mensagem diária por mais de trinta anos ininterruptos.

Igualmente digna de menção é a correspondência com Jackson de Figueiredo, através da qual é possível acompanhar o “caminho de Damasco” de Amoroso Lima, conversão estimulada por Jackson e ocorrida em 1928.³

E tantas cartas mais, dirigidas a um universo plural: brasileiros e estrangeiros, sacerdotes católicos, cristãos leigos, não cristãos. Gente cujo contato com Alceu variou no tempo, do contumaz ao extemporâneo. Assim, o epistolário em questão foi construído no “diálogo” com Leonel Franca, Hélder Câmara, António de Alcântara Machado, Álvaro Lins, Mário de Andrade, Heráclito Sobral Pinto, Georges Readers, Georges Bernanos, Thomas Merton e outros.

Exuberância documental – livros, artigos, cartas – que, por sua monumentalidade, talvez explique, ao menos em parte, a ausência de uma biografia exaustiva sobre Amoroso Lima. Falta, aliás, assinalada, há quase vinte anos, pelo brasilianista Scott Mainwaring que, mesmo registrando alguns estudos biográficos sobre Alceu, estranha a não-realização de um relato de maior fôlego sobre o intelectual católico.⁴

Há mais. Lembre-se que Amoroso Lima é freqüentemente apresentado como alguém que encarnou modelos eclesiais heterogêneos, motivando performances públicas bem diversas. Ora a ênfase analítica recai no Alceu “reacionário”, de fim dos anos 20 até a metade da década de 40; ora é focado o pensador que se notabilizou pela crítica cotidiana ao regime militar do pós-64.

Representações bem distintas. A primeira espelha o neoconverso tridentino, cruzadista, que, sob a orientação de D. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, planejou reconquistar a sociedade brasileira, recristianizá-la, reagindo à modernidade e ao século, vistos como condenados e condenáveis. A segunda reflete o Amoroso Lima “extra-muros”, fiel que antecipou, nos anos 50, e chancelou, dos 60 em diante, a renovação eclesial operada pelo Vaticano II.⁵ O crente pluralista, atrelado ao *aggiornamento* da Igreja, que se aproxima do século e defende com vigor as liberdades democráticas.

Imagens diferenciadas portanto, recorrentemente registradas pelos biógrafos de Amoroso Lima. Porém, a transformação que Alceu experimentou não é descrita em detalhe por seus comentadores. Silêncio que parece tudo remeter à diacronia: os câmbios de nosso autor seriam explicáveis pela passagem do tempo. Olhar providencial reproduzido em algumas ocasiões pelo próprio Amoroso Lima.⁶

Olhar providencial, peculiar a um crente como ele. Mas que precisa ser evitado em estudos biográficos sob pena de se interpretar a trajetória do analisado por meio de uma visão retrospectiva, onde toda a vida em pauta pudesse ser compreendida com base no seu final. Assim, uma espécie de predestinação é associada àquele que é focado. Este olhar retrospectivo faz de seu objeto uma “pessoa pronta”, situada em esfera a-histórica, onde não há conflitos.

Tal tendência finalista, de focar o biografado retrospectivamente, é comum em qualquer estudo do gênero. Todavia, ela pode ser acirrada em situações específicas, ao se pesquisar, por exemplo, personagens como Amoroso Lima – para quem a fé cristã foi fator marcante.⁷ O caso limite das hagiografias, tão presentes no imaginário cristão, ilustra o ponto. Estas narrações se caracterizam pelo enfoque idealizado, posto que a glória dos altares acarreta a petrificação da imagem.

Mas não é preciso ir tão longe: a negação da conflitividade do cotidiano, a partir de determinado enfoque teleológico, pode se dar também em textos biográficos sem pretensões catequéticas e que não abordem figuras santificadas.

Dificuldades e riscos explicitados, deve-se contorná-los. No estudo aqui relatado, pretendeu-se fugir da “tentação” finalista/teleológica, fixando Amoroso Lima na História. Também desejava-se avançar na discussão, não apenas reproduzindo imagens já consagradas do autor: o Alceu cruzado da neocristandade, “caçador de comunistas”, da primeira fase de sua vida cristã; e o Alceu “católico liberal”, aquele a quem o editor Ênio Silveira classificou de “Monumento à Dignidade Humana” por sua luta contra a ditadura militar.⁸ Para avançar na discussão, cumpria analisar a passagem “de um Alceu a outro”.

Busquei concretizar essa meta, priorizando na pesquisa o que chamei de “anos cruciais” de Amoroso Lima: aqueles que tomam o final dos anos 40 e toda a década seguinte.

Corte que, naturalmente, direcionou boa parte da atenção para obras escritas pelo autor no citado tempo. Escolha que, no entanto, não desobrigou o estudo de outros trabalhos de Alceu, mesmo quando não produzidos no período em lume. Mas, procedendo desta forma, reduzindo (ao menos em princípio) o universo a ser pesquisado de maneira mais exaustiva, tentei neutralizar o efeito paralisante decorrente da monumental bibliografia de Alceu.

Retorno ao anos que crismei de cruciais. Cruciais porque importantes. Tempo crucial igualmente porque nele e em Alceu se cruzaram os acima mencionados modelos de se conceber a fé católica e a atuação na sociedade a partir do mesmo credo.

Tal corte analítico priorizou as idéias de transformação, tensão e auto-disciplina. Amoroso Lima, ao mudar de inserção eclesial, assumiu riscos e procurou refreá-los.

Controle que teria sido realizado por sua obra, especialmente pelo livro *Meditação sobre o Mundo Interior*.⁹ Nele, ao mesmo tempo em que constrói e apresenta ao público leitor uma elaborada “teologia íntima”, Alceu faz do exercício da escrita instrumento de reordenação de seu *self*. Reordenação necessária para incorporar as transformações pelas quais passava.

Controle de si (e dos câmbios experimentados nos “anos cruciais”) igualmente forjado por Amoroso Lima através de uma forma particular de vivenciar sua fé, acessando espiritualidades cristãs variadas e recorrendo ao pensamento clássico, anterior ao cristianismo.

Elementos que são lidos cristãmente, sendo adicionados à prática de fé cotidiana de Alceu. Com tal agregação, realizando uma *summa*, uma soma, o nosso autor produziu um *self* plástico e controlado, que o tornou capaz de dar conta de sua transformação de lugar eclesial.

Deste modo, valorizando um certo cristianismo permeável à incorporação de elementos clássicos – neste sentido ganha relevo a paixão amorosiana por Tomás de Aquino bem como sua atração por Jacques Maritain –, Alceu molda e destaca um *self* católico que permite maior aproximação com o mundo. Ele interage com o século valorizando a diversidade, de forma dialogante. Modelagem de *self* que também viabilizou a continuidade dos contatos entre nosso autor e os tempos modernos, minorando os riscos de tal movimento.

Postulou-se, então, que Alceu vai ao encontro da sociedade moderna não apenas por estar em consonância com o modelo eclesial que vai prevalecer no Vaticano II. Ele também se aproxima do mundo através de uma leitura mais pessoal, forjada nos seus “anos cruciais”. Em outras palavras: em vez de contatar o século – muitas vezes reagindo a ele – por meio de uma relação automática com a Igreja, como aconteceu quando operou segundo o ideário da neocristandade, Amoroso Lima joga com modelos que permitiram seu mergulho na modernidade.

Trata-se de um processo sofisticado. Processo, seja de novo enfatizado, baseado na modelagem do *self* pela escrita, onde a crise de uma devoção anterior – aquela condizente com a eclesiologia tridentina – não leva o intelectual em questão a abandonar a Igreja. Ao contrário, ele se mantém entre os crentes, fazendo uso de um conjunto de argumentos vindos da tradição cristã e também de fora dela.

Enfim, o estudo biográfico que inspirou esta comunicação focou movimento e permanência, dois conceitos bastante caros à historiografia. Alceu mudou e manteve-se católico. Tratou-se, pois, de crise e transformação. Transformação viabilizada pela construção de uma auto-disciplina. Disciplinarização que, mesmo depois de operada a mudança de registro eclesial de Amoroso Lima, continuou pautando sua ação no mundo.

¹ Doutor em História pela PUC-Rio.

² Refiro-me à construção de minha tese de doutorado: “Um Itinerário no Século: Mudança, Disciplina e Ação em Alceu Amoroso Lima”, apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio, em dezembro de 2002.

³ Correspondência compilada e editada quase dez anos após a morte de Alceu in ETIENNE FILHO, João (org.) – *Correspondência: Harmonia de Contrastes*, RJ, Academia Brasileira de Letras, 1991-92, 2 tomos.

⁴ “Uma das mais surpreendentes lacunas na história recente do catolicismo brasileiro é a ausência de uma boa biografia de Amoro Lima.” In MAINWARING, Scott – *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*, SP, Brasiliense, 1989, p. 58.

⁵ Quanto à antecipação, por Alceu, de inovações introduzidas pelo Concílio Ecumênico, ver in ARAÚJO, Epaminondas J. de – *O Leigo na Igreja: um precursor do Vaticano II: Alceu Amoro Lima*, Petrópolis, Vozes, 1971.

⁶ “O mundo mudou e mudei eu também”, ele chegará a afirmar em famosa entrevista ao Canal Livre, no início dos anos 80. Entrevista reproduzida em AMOROSO LIMA, Alceu – *Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos coligidos por Francisco de Assis Barbosa*, RJ, Nova Fronteira, 1983, pp. 385-411. Para a frase citada, confira trecho à p. 391.

⁷ Fé, aliás, decididamente finalista e teleológica.

⁸ Quanto ao depoimento de Ênio, confira no número especial da revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (RJ, Civilização Brasileira, dezembro de 1978, p. 202), número em boa parte dedicado à celebração dos 85 anos de Amoro Lima, trazendo depoimentos de pessoas como D. Paulo Evaristo Arns, Leonardo Boff, Frei Betto, Otto Lara Rezende, Oscar Niemeyer, Nelson Werneck Sodré, Otto Maria Carpeax. Grupo, como se vê, muito plural, unido pela tributo ao “Dr. Alceu”.

Devo ainda ressaltar que a transformação de Amoro Lima em uma espécie de ícone da resistência ao regime contribuiu, ao fazê-lo personagem modelar, para “congelar” sua imagem. Assim, Alceu, ele próprio, é “monumentalizado”. Exemplaridade, construída na história, que se torna estranhamente a-histórica. Mais uma vez, fica dificultada a elaboração de uma biografia crítica do autor. Como assinala o professor norte-americano Kenneth Serbin, tentando explicar a ausência de semelhante trabalho: “Maior intelectual católico do Brasil moderno, Alceu é um daqueles pilares da história brasileira, tão grande que ninguém tentou ainda escrever sua biografia definitiva.” (In *Diálogo na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*, SP, Cia das Letras, 2001, p. 125.)

⁹ RJ, Agir, 1955.